

Na descrição da epidemia, aos olhos dos entendidos em medicina, podem ocorrer erros. Na verdade não se trata de uma epidemia "clássica", mas antes de uma obra clássica sobre a epidemia.

Em forma literária serena e brilhante, Camus descreve o que o filósofo Karl Jaspers denomina "estar em uma situação-limite". Tenta interpretar filosoficamente a existência humana como revolta contra o absurdo da vida. Por isso os "heróis" do romance parecem ter uma predisposição para o absurdo, assemelhando-se a Merseault (*O Estrangeiro*) e Sísifo (*Mito de Sísifo*). Mas, só Rieux e Tarrou chegam a tomar consciência clara do absurdo da existência.

1 — A peste envolve a todos

De início o homem reage à peste como se fosse apenas um infortúnio do acaso. O indivíduo não se sente atingido. Considera a morte apenas como uma possibilidade bastante remota, ou seja, um pensamento abstrato que só atinge ao outro. A gente de Oran, como a gente de qualquer outra cidade desenvolvida, leva uma vida que não admite os dramas inerentes a uma verdadeira existência humana. Entretanto, "modo fácil de conhecer uma cidade é procurar saber como os indivíduos se comportam no trabalho, no amor, na morte" (1). Em Oran há dificuldade de morrer. Ademais, "na aparência, é uma cidade que não pensa, i. é, uma cidade perfeitamente moderna" (2). Mas, basta que a morte se torne uma coisa cotidiana, apanhando não só os pobres, e já os negócios passam a segundo plano e tudo muda. Os homens começam a refletir e a ter medo. Cada qual percebe aos poucos que também ele poderá ser atingido a cada momento. Claro, no começo cada qual espera liberta-se da fatalidade geral.

Bem no início do livro, Camus descreve toda a problemática de uma maneira magistral:

"As calamidades são com efeito ordinárias, mas dificilmente acreditamos nelas quando nos chegam. Sempre houve no mundo pestes e guerras; entretanto pestes e guerras nos acham desprevenidos. O doutor está desprevenido como os outros; assim compreendemos as suas hesitações. Inquietava-se e confiava. Quando estoura uma guerra, os homens dizem: 'isto dura pouco, é idiota'. Sem dúvida a guerra é idiota, mas não deixa de prolongar-se. A tolce continua; não a percebemos porque sempre estamos a pensar em nós mesmos. Os nossos concladãos eram como toda a gente. Pensavam neles mesmos. Noutras palavras, eram humanistas: não acreditavam nos flagelos. O flagelo escapa às previsões do homem — e dizemos que o flagelo é ideal, um sonho mau

que vai desaparecer. Não desaparece — e, de sonho mau em sonho mau, são os homens que desaparecem, os humanistas em primeiro lugar, pois não tomam precauções. Os habitantes da cidade não tinham culpa de serem assim; esqueciam a moléstia, julgavam que tudo ainda era possível para eles, e isto eliminava os flagelos. Continuavam a fazer negócios, projetavam passelos e tinham opiniões. Como iriam ocupar-se da peste, que suprime o futuro, as mudanças e as discussões? Julgavam-se livres — e ninguém é livre quando há flagelos" (3).

Enquanto no livro "*O Estrangeiro*" (1942), Camus descreve o sofrimento individual face ao absurdo, em "*A Peste*" o tema é a dor comum. Durante as ameaças coletivas cada um primeiro tende a considerar-se a si mesmo uma exceção, isto é, colocar-se à margem ou fora do perigo. Mas, as pessoas são sensíveis àquilo que lhes prejudica os hábitos ou interesses. Irritam-se. Só aos poucos forma-se a convicção de que a peste envolve a sorte de todos: "Percebíamos agora que o fenómeno, de proporções desconhecidas e origem vaga, era ameaçador" (4). E "a surpresa do começo pouco a pouco se transforma em pânico" (5). Afinal a situação é reconhecida como ameaça: "É incrível, mas parece peste!" (6). O autor salienta o caráter quase mágico da palavra "peste" fazendo reviver aquele terror que se apoderava dos homens medievais ao anúncio da peste. Isso não é fácil, pois nós homens modernos não conhecemos mais as epidemias que acabam com todo um povo como verdadeiro flagelo. Por isso Camus recorre à evocação das grandes epidemias da história lembradas pelo doutor Rieux. E a peste cerca a todos de todos os lados. Ninguém pode ficar alheio a ela ou fugir.

Declarado o estado de epidemia, fecham-se as portas da cidade. E "fechadas as portas, percebemos todos — inclusive o narrador — que estávamos presos e seria, portanto, necessário arranjar-nos. A separação de um ente amado, sentimento individual, desde as primeiras semanas se tornou sentimento geral e, com o medo, foi a principal tortura nesse longo exílio" (7). Os habitantes são obrigados a proceder como se estivessem destituídos de sentimentos individuais.

A problemática do exílio e da solidariedade está bem caracterizada na figura do jornalista Rambert, que numa viagem foi colhido de surpresa e retido em quarentena. Sente-se totalmente desvinculado e estranho na cidade. Por isso, revolta-se e com todas as artimanhas quer libertar-se da prisão, i. é, sair da cidade para encontrar-se com sua mulher, que ficara em Paris. Para ele o grande problema da vida é o amor, a ânsia de felicidade.

Depois de recorrer a todas as repartições públicas também ele entra numa fase de embotamento. Em todas as oportunidades advogava a sua causa diante de cada um, usando como argumento principal que era estranho à cidade, e por isso deviam examinar seu caso à parte. E muitos interlocutores concordavam, mas logo diziam que outras pessoas se achavam na mesma situação. Dessa maneira, seu caso contudo não era tão singular como supunha. Apesar disso esforçava-se para impedir que a peste o dominasse. E quando finalmente se lhe oferece uma chance de buscar a felicidade com sua mulher, resolve não partir: "O meu lugar é aqui entre os senhores . . . Sempre me considerei estranho a esta cidade, pensava não ter nada com os senhores. Mas agora, depois de ter visto o que vi, devo conservar-me onde estou, queira ou não queira. Essa história nos interessa a todos" (8). Pode haver vergonha em querer ser feliz sozinho.

A peste é uma situação que envolve a todos. Ninguém consegue fugir da morte e da condição absurda do homem. Já no "Mito de Sísifo", Camus apontava a tentação da fuga no suicídio ou na religião. Mas, a peste é uma situação-limite, i. é, sem saída. Obstrói todos os caminhos para todos. Nesta situação, a sorte individual passa inteiramente a segundo plano ou até perde seu sentido. Perante a sorte comum os homens se tornam iguais e são possuídos dos mesmos sentimentos.

A solidariedade humana é fruto do exílio. De certa maneira "A Peste" é o romance do exílio e da solidariedade. O contato entre os exilados contudo só em alguns casos, como entre Rieux e Tarrou, é autêntico. Por isso a solidariedade na luta comum contra o flagelo não consegue superar a solidão. Tem limites. Perdura a desconfiança, pois não se pode confiar no vizinho porque é capaz de nos trazer a peste, aproveitar nossa distração para infectar-nos. O mundo permanece vítima da arbitrariedade do mal e da morte. Na própria solidariedade, a consciência do absurdo deve vigiar sempre. Nesta idéia da solidariedade contudo parece transluzir uma vaga nostalgia de uma ordem em que todos os homens seriam felizes.

2 — Instalados no presente, sem memória e sem esperança

Por um lado os habitantes de Oran são desligados totalmente do mundo exterior, dos negócios costumeiros. Acomodam-se à situação de prisioneiros, reduzidos a contemplar o passado. Desse modo a situação da peste atua uma mudança profunda na consciência dos cidadãos. Aos poucos entram em certo indiferentismo e se acostumam à crise: "De algumas casas vinham gemidos. Antes, quando isso se dava, curiosos iam escutar. Mas depois de tantos alarmes, os corações haviam endurecido e a gente se movia entre queixumes como se houvesse sido sempre a linguagem natural dos homens" (9).

A duração da crise faz com que uma situação extraordinária tenda vir a ser ordinária. Por isso Tarrou bem pode dizer: "No começo e no fim de um flagelo sempre se faz um pouco de retórica. No primeiro caso não se perdeu o hábito, e no segundo ele se fixou. É na desgraça que a gente se habitua à verdade, isto é, ao silêncio. Esperamos" (10). Mas a desgraça excita ainda mais o sofrimento nos homens e os faz consentirem em sua dor. Nesta situação se compreende que um velho guarda opine: "Antes um terremoto. Uma boa sacudida e pronto. Não se fala mais nisso . . . Contam-se os mortos e os vivos e está acabado. Mas, essa porcaria de doença! Até os que não a apanham parecem trazê-la no coração" (11).

Por outro lado, quando uma situação-limite vier a ser duradoura, o relacionamento dos homens com o futuro e com o passado perde um pouco o sentido. A situação-limite fecha o homem no presente. Não mais pode planejar para além do tempo presente. Se no início ainda persiste em uma vaga esperança de que a peste acabe logo, aos poucos essa esperança se desvanece e os homens vivem totalmente sem futuro. Apenas lhes restam as recordações do passado:

"No começo da peste lembravam-se muito bem de pessoas ausentes e tinham saudades. Mas, se recordavam nitidamente um rosto amado, um sorriso, um dia feliz, imaginavam com dificuldade o que o ente querido estaria fazendo àquela hora, em lugar remoto. Enfim, tinham memória nesses momentos, mas escassa imaginação. No segundo ato da epidemia perderam também a memória. Aquele rosto não fora esquecido, mas despojara-se da carne e aparecia no interior deles. Nas primeiras semanas tendiam a queixar-se de apenas lhes restarem sombras das coisas amadas; notaram depois que essas sombras podiam ainda tornar-se mais vagas, perder as últimas cores, esfumar-se de todo" (12).

Com o decurso do tempo também o passado se desgasta, se apaga da memória. Compreende-se, assim, que na segunda fase da epidemia só permanece a dimensão presente: "Desgostosos do presente, inimigos do passado e isentos de futuro, bem nos assemelhamos aos que a justiça e o ódio humanos guardam além das grades" (13). A vida reduz-se inteiramente ao momento presente: "Sem memória e sem esperança, instalaram-se no presente" (14).

3 — A razão choca-se contra as muralhas do irracional

Diante de uma crescente ameaça, o homem pode tomar duas atitudes. Pode acovardar-se, refugiar-se em diversões e até procurar tirar proveito da miséria dos outros. Assim a desgraça de muitos pode reverter em sorte

para alguns poucos. No campo religioso, p. ex., com facilidade surgem superstições de todo o tipo. Por outro lado, o homem pode empenhar-se na luta contra uma situação ameaçadora de epidemia. Nessa luta são possíveis duas atitudes.

Camus apresenta essas duas possíveis atitudes na figura do sábio padre Jesuíta Paneloux e do médico doutor Rieux. Enquanto o primeiro, em sermões acalorados, apela à consciência humana, interpretando a peste como castigo divino para levar os homens à auto-reflexão, o segundo se engaja com todas as suas forças na luta contra a epidemia.

Paneloux é um "Jesuíta erudito e militante, querido na cidade, até pelos Indiferentes em matéria de religião" (15), mas sempre é criticado, ainda que implicitamente. É apresentado como personagem que expressa força, segurança em si, quase agressivo. Provoca o respeito e o temor nos ouvintes, mas não a simpatia. Conhece a história do passado e interpreta o presente a seu modo para impressionar o público. A peste, segundo ele, é o flagelo de Deus sobre Oran, evocando essa imagem do flagelo a Idéia de um Deus protetor e vingativo. O flagelo obriga o povo a converter-se. Paneloux fala de uma peste teórica e abstrata. Não chegou a sentir a verdade da peste, o horror da morte cruel de inocentes.

Em seu primeiro sermão, Paneloux apela à conversão do povo: "Sim, chegou a hora de refletir. Acreditastes que era bastante visitar Deus no domingo, esquecendo-o nos outros dias (...) E sabeis finalmente que é preciso voltar ao essencial (...) A desgraça que vos aflige vos levanta, ensina o caminho" (16). Paneloux acreditava que a peste trazia vantagens aos homens, lhes abria os olhos e os faria pensar. Mas, em tal situação basta a reflexão abstrata?

A duração da epidemia leva muitos homens à resignação. Outros até se alegram. Assim Gottard, que tentara suicidar-se porque fora descoberto um crime seu, alegra-se com a epidemia, pois essa impede os homens da justiça a perseguir seu caso. Até exclama: "Afinal é evidente que me sinto melhor aqui depois que veio a peste" (17). Gottard não vê razão para acabar com ela. E quando acaba enlouquece, disparando sua arma contra a multidão feliz, pois a alegria da multidão o fez voltar aos próprios problemas. Assim o mal atinge não apenas o sofrimento dos inocentes, como ainda veremos, mas existe também o mal moral. Sempre há alguns aproveitadores do sofrimento de outros.

O médico Dr. Rieux, que de certa forma encarna o próprio autor, primeiro chegou à sua profissão como por um acaso: "Escolhi esta profissão quase abstratamente, porque precisava, porque era uma situação como as outras, uma das que os moços consideram boas. E talvez por ser especial-

mente difícil para um filho de operário como eu. Depois foi necessário ver gente morrer" (18). Aos poucos Rieux encontra sua vocação interior e se preserva contra a rotina, contra o embotamento e o indiferentismo, pois não se acostuma a ver gente morrer. Encarna a resistência ao mal de maneira modesta. Sendo filho de operário, como o próprio Camus, aprendeu na miséria a viver e a pensar. Salvando na vida do dia-a-dia o que pode ser salvo, retorna sempre à mesma luta. Participa do sofrimento dos outros como sendo o próprio. Rieux tem uma pátria, mulher e uma profissão.

Camus, pela voz de Rieux e Tarrou, confia no homem, mas não acredita em seu destino transcendente. Rieux é ateu, i. é, não pode crer em Deus que criou esse sofrimento, pois crer em tal Deus seria admitir o sofrimento como insuperável. Vê o sentido de sua vida justamente em proclamar — não em negar! — questões do além para lutar contra a crueldade da morte aqui e agora: "Não sei o que me espera, nem o que haverá depois. Hoje sei que há doentes e é preciso curá-los. Mais tarde eles refletirão e eu também" (19). Rieux está persuadido do valor do homem concreto aqui e agora. Nunca crítica. Sente sempre o concreto e com ele se envolve incansavelmente. De resto sabemos muito pouco sobre ele. É o modelo de um homem honesto. Não se habitua à morte de outros. Por isso, a tarefa de sua vida consiste em lutar sempre, contra toda a esperança, contra a peste.

De início a atitude de Rieux é a de um mestre esclarecido: "Os males do mundo provêm quase sempre da ignorância, e a boa vontade, quando não esclarecida, pode causar tantos danos quanto a maldade. Os homens são mais frequentemente bons que maus. Ignoram, contudo, mais ou menos, a tudo, e isto chamam de virtude, àquilo vício e o vício mais desesperador é a ignorância, que presume saber tudo e se arroga o direito de matar" (20).

As duas figuras bem características do romance, o padre Paneloux e o Dr. Rieux, encarnam as duas possibilidades fundamentais diante do mal concreto: aceitá-lo como inevitável ou crer na sua superação, engajando-se na luta contra ele com todos os meios à disposição sem esmorecer. Mas, com a duração da epidemia, ambas as atitudes mostram-se insuficientes. Tanto para o padre Paneloux como para Rieux, a peste significa uma interminável derrota. Experimentam o sofrimento e a morte de uma criança inocente, filha do juiz Othon: "A dor infligida aos inocentes nunca deixara de parecer-lhes o que era na verdade — um escândalo. Mas, até aquele momento o escândalo fora mais ou menos abstrato, pois nunca haviam examinado tanto tempo a agonia de um inocente" (21).

Por um lado, a interpretação abstrata que Paneloux dá do mundo é confrontada com a realidade bem concreta, i. é, com a realidade mais

oprimente e mais escandalosa. A presença de Paneloux na agonia e morte de uma criança inocente o integra de forma mais humana na situação concreta da peste. Por outro lado, também o engajamento de Rieux não resolve. Paneloux e Rieux encontram-se nos limites do concreto. Rieux chega mesmo a dizer: "Hoje nem Deus pode separar-nos" (22). A luta concreta contra a morte reúne o cristão e o ateu. E o próprio Paneloux confirma: "Devemos convencer-nos de que não existe ilha na peste" (23). Frente à dureza da existência humana concreta não bastam atitudes abstratas. Tarrou e Rieux montaram organizações sanitárias através das quais levaram a população a habituar-se ao flagelo e enfim "todos se convenceram de que a doença estava ali e era preciso lutar contra ela. Tornando-se a peste ocupação de alguns, apresentou-se realmente o que era problema geral" (24). Mas, no fundo todo esse esforço não consegue eliminar a peste.

O segundo sermão de Paneloux é uma discussão clara de uma situação-limite. Paneloux reconhece que não basta acetar passivamente o mal da peste como sendo vontade de Deus. É preciso combatê-lo com todos os meios disponíveis. Reconhece, outrossim, que tal situação envolve a todos. Por isso já não fala mais em "vós", mas em "nós". Sente-se junto ao povo. O problema do mal concreto quase levou Paneloux a descobrir-se como "herói do absurdo". Atrás do mal concreto a combater encontra-se o dado do sofrimento absurdo. E esse é inevitável e inexplicável. Simplesmente contraria a razão, como vimos no caso da morte de uma criança inocente. Na vida humana, em situações tão extremas, a razão sempre de novo se choca com o irracional. Esse ergue-se como uma muralha indicando os limites à razão. Em princípio não podemos mudar tais situações. Podemos, isto sim, esclarecê-las a partir delas mesmas.

Nesta altura, Camus apresenta o fatalismo como uma única resposta possível, retomando o que no "Mito de Sísifo" é a essência do "herói absurdo", se é que se pode falar em herói.

No fim, a doença abate Paneloux. Esse rejelta o socorro da medicina como o da amizade humana, pois é religioso e "os religiosos não têm amigos. Concentram tudo em Deus" (25). Paneloux confia na graça de Deus. Mas ninguém pode saber se existe Deus, se conseguiu sua graça, i. é, se morreu em paz. Por isso a ironia de Camus faz Rieux escrever na ficha médica que registra a morte de Paneloux: "caso duvidoso". Camus recusa, pois, o salto para o transcendente (religioso) porque o lado de lá é incerto.

4 — A luta contra o Indiferentismo

É comum aos filósofos da existência apresentarem o engajamento total do homem no momento presente como aquilo que conduz à sua verdadeira grandeza, à sua autenticidade. Mas, Camus avança um pouco mais: E o que acontece quando a ameaça existencial se prolonga para além de uma

crise transitória, tornando-se duradoura? Esse é, propriamente, o problema desta obra de Camus.

Camus apresenta uma perspectiva sem esperança que perpassa o resto do romance e que faz com que mal se perceba a transição da primeira à segunda fase da epidemia: "Hoje sei que o homem é capaz de grandes ações . . . Mas é incapaz de sofrer ou ser feliz durante muito tempo" (26). O problema está na duração de uma crise. Não pode uma situação extraordinária vir a ser ordinária? E Camus responde: "O hábito do desespero é pior que o próprio desespero" (27), pois o desespero ainda constitui um apelo ao homem a decidir-se. Mas onde perdurar tal situação-limite não há mais nada a decidir. Os homens embotam seus sentimentos, perdem a capacidade de decidir e vegetam no Indiferentismo.

Os habitantes de Oran habituaram-se, pois não parecia haver outro jeito. Na verdade ainda mantinham uma atitude de quem está cercado pelo sofrimento da peste, mas aos poucos embotaram-se. A peste chegou a dominar tudo. Já não há mais destino individual, mas uma história coletiva, que se chama peste, e sentimentos comuns a todos. Primeiro os habitantes vivem o sentimento do exílio e da separação. Depois, com o tempo, até o flagelo e a desgraça tornam-se monótonos. Todos tornam-se incapazes de sentimentos grandiosos porque o sentimento de monotonia domina todo o resto. Cresce sempre mais o Indiferentismo. Todos são incapazes sobretudo do amor e da amizade, pois amor e amizade pressupõem um mínimo de futuro. Mas, para os cidadãos de Oran tudo era presente, um presente fechado na peste. Ora, onde o homem em sua existência se fecha totalmente no presente não há propriamente lugar para amor nem para amizade.

Até o doutor Rieux chega a constatar em si mesmo o desaparecimento de sua sensibilidade espiritual. No fim torna-se quase indiferente com a morte da esposa. Toda a vida imerge num Indiferentismo sem esperança: "Na verdade já dormiam e todo este tempo foi um longo sono" (28), do qual só de vez em quando acordavam para um novo desespero, porque o mundo sem amor é morto.

Onde se quisesse festejar todos os dias, a própria festa se tornaria o cotidiano, i. é, deixaria de ser festa. Coisa análoga acontece com o sofrimento. E onde o sofrimento for cotidiano, o homem facilmente tende a acostumar-se a ele ou a se tornar indiferente. E o doutor Rieux luta desesperadamente contra esse Indiferentismo. Percebe como o tempo consegue embotar e nivelar os sentimentos humanos. Toma consciência de que seu relacionamento com os doentes já não é mais de médico, pois não consegue ajudá-los. Age antes como um funcionário administrativo encarregado de medidas sanitárias, com o triste dever de separar famílias isolando os doentes. Mas quem não é doente?

A luta contra o indiferentismo adquire expressão máxima no diálogo entre Rieux e Tarrou, amigo e colaborador íntimo do primeiro. Tarrou procede de uma burguesia respeitada. Mas não tem elos de espécie alguma que o liguem a Oran. Na cidade ninguém sabe donde veio, nem por que se acha ali: "Bom tipo, sempre risonho, tinha jeito de ser amigo de todos os prazeres normais, sem se deixar vencer por eles" (29). Revolta-se ao ser defrontado com o mal da peste. Além disso descobre que seu pai, um jurista renomado, entregara acusados à morte com a consciência mais tranqüila do mundo: "Desde então pensei horrorizado na justiça, nas sentenças de morte, nas execuções, e notei com uma vertigem que meu pai devia assistir muitas vezes ao homicídio e justamente nesses dias se levantava muito cedo" (30). Isso revolta a Tarrou: "Aos dezolitos anos, deixando a abastança, conheci a pobreza. Tive numerosos ofícios para agüentar-me na vida, e não me saí mal. O que me preocupava, porém, era a sentença de morte (...). Em suma, procurava não empestar-me. Julguei viver numa sociedade que se baseava na sentença de morte e supus, combatendo-a, combater o homicídio (...). O sono dos homens é mais precioso que a vida das criaturas empestadas" (31). O mal é a morte. Portanto, o crime máximo é matar um homem. Por isso Camus mostra certa severidade com os juizes. Parece-lhe uma pretensão insuportável e odiosa condenar a alguém. A figura do juiz também nesse romance é carregada e antipática. Só depois que morreu o filho do juiz Othon, esse deixa de ser juiz para transformar-se em homem corajoso, estóico e admirável. Toma consciência do verdadeiro problema humano da peste e torna-se solidário com os que lutam contra o flagelo, aplicando a si mesmo o rigor moral que, como juiz, costumava impor a outros.

Tarrou reconhece o problema da culpa em toda a sua profundidade. Se é impossível escapar da culpa por uma decisão moral, ao menos se deve tentar uma resistência continuada para não aprovar a própria culpa. A fonte do mal propriamente dita é a distração, é desistir de atender sempre, é tornar-se indiferente:

"Decido, por isto, recusar tudo que de longe ou de perto, por boas ou más razões, ocasiona a morte ou a justiça. . . Sei de ciência certa . . . que trazemos conosco a peste e ninguém, no mundo, está livre dela. É preciso vigiarmos sem descanso para, em descuido momentâneo, não respirar a cara de outro, e levar-lhe a infecção. O que é natural é o micróbio. O resto, saúde, integridade, limpeza, o que você quiser, tudo é consequência da vontade, de uma vontade permanente. O homem distraído, o que não infecciona ninguém, é o que menos se distrai. indispensável, enorme vontade para não nos distrairmos nunca (...). Digo apenas que há nesta cidade flagelo e vítima e é

necessário não transigirmos com o flagelo" (32).

Mas, pode viver-se sempre consciente, sem distração?

No fim da conversa entre Rieux e Tarrou, este último pergunta: "Podemos ser santos sem Deus? É o único problema concreto que hoje conheço" (33).

Um "santo sem Deus" significa doação ilimitada ao bem, realizar sempre a obra de um santo, sem o apoio de uma fé religiosa, a qual desse um sentido objetivo à própria ação. Para vencer o flagelo, o homem deve solidarizar-se com outros ao nível dos sentimentos cotidianos, sem excluir propriamente a santidade, o heroísmo e a paixão. Mas, o que nessas circunstâncias conta é o heroísmo modesto, sem ilusões e duradouro. Um "santo sem Deus" significa lutar sempre, embora receando que no fim tudo é vão e que o próprio esforço pode desembocar no vazio e no absurdo; significa estar atento ao surgir da peste onde quer que seja e dispor-se a combatê-la sempre com coragem e sem ilusões; significa encontrar nessa luta uma razão de viver e, eventualmente, viver feliz. Nesta formulação do "santo sem Deus" de alguma maneira repercute o herói paradoxal do "Mito de Sísifo" e do Merseault de "O Estrangeiro".

Talvez esse "santo sem Deus" seja encarnado mais plenamente pela figura do pequeno operário José Grand. Esse não hesita em mostrar seus bons sentimentos e certa ingenuidade. Apresenta-se um pouco ridículo porque não consegue exprimir seus sentimentos. Durante anos trabalha na redação de uma única frase, ironizando a vertigem da perfeição. Grand é um personagem espontaneamente heróico e absurdo, que não encontra palavras, sobretudo para mentir, assemelhando-se com o Merseault de "O Estrangeiro". Expõe-se abertamente e desarmado ao julgamento.

Rieux também rejeta o perigo de embriagar-se com o próprio heroísmo e gozar do sentimento de perda. Distancia-se, pois, de certos exageros de outros existencialistas: "Mas, você sabe, diz Rieux, gosto mais dos vencidos do que dos santos. O heroísmo e a santidade não me atraem, desejo ser homem" (34). Numa situação de catástrofe geral e duradoura desvanecem-se os grandiosos ideais do herói e do santo. Permanece, todavia, a simples tarefa de ser homem, i. é, comportar-se como homem embora sem gestos grandiosos ou heróicos.

5 — Heroísmos ou apenas honestidade?

Para designar o comportamento humano a que acima Camus se refere, impõe-se-lhe o conceito de "honnêteté". Honesto é o homem que "não infecciona quase ninguém, é o que menos se distrai". Na situação de epidemia generalizada todos temos o gérmen da contaminação dentro de nós.

Isto significa que temos que engajar-nos na luta contra o mal, ainda que nos cerque por todos os lados, para diminuir a desgraça. Na luta desesperada contra a peste já não há heroísmo quando essa se torna duradoura. Mais vale a resistência constante contra a ameaça sem fim: "Estou farto de gente que morre por idéias. Não creio no heroísmo (...). Resignemo-nos. Esperemos a redenção geral sem nos tornarmos heróis" (35).

A maior virtude é suportar a ameaça numa resistência contínua: "Não se trata aqui de heroísmo. Trata-se de honestidade. A idéia pode fazer rir, mas não há outro meio de lutarmos contra a peste. Honestidade" (36). Esta é a única atitude decisiva. Honestidade designa o valor de uma atitude simplesmente humana, que atua onde se questiona a santidade e o heroísmo.

Não se pode dizer de modo geral o que seja a honestidade. Opõe-se a um conteúdo moralmente edificante. Decorre de uma situação existencial bem concreta. E mesmo aí surge a pergunta: O que é honestidade? E a resposta é: "De modo geral não sei. Mas no meu caso eu sei que ela me obriga a não me afastar do trabalho" (37). A honestidade aqui consiste em exercer os deveres conscientemente, como é o caso do médico Rieux, no dia-a-dia da vida. O significado verdadeiro da honestidade manifesta-se em situações de crise duradoura.

6 — A aporia do absurdo

No último estágio da epidemia, Tarrou também sucumbe. Sua sorte indica que neste caminho não há solução. E Rieux reflete:

"Era bem triste viver um homem apenas com o que sabe, o que recorda, sem achar o que espera. Com certeza assim vivera Tarrou, consciente da avidez de uma vida sem ilusões. Não há paz sem esperança, e Tarrou, que recusava aos homens o direito de condenar alguém, sabendo embora que não podemos deixar de condenar, e entre as vítimas se acham às vezes carrascos, vivera na contradição e na dor, sem conhecer nunca a esperança. Desejara, talvez por isso, alcançar a santidade e a paz no serviço dos homens. De fato Rieux nada sabia, e isso pouco importava" (38).

A visão de Camus torna-se abaladora quando desemboca numa resignação total diante do sentido da vida para além da morte. O absurdo é uma das dimensões da vida, antes de ser a face inevitável da morte. Mas é essa a única? Na verdade apresenta o modelo do "santo sem Deus" - ou o herói absurdo de Sísifo ou Merseault - como possível de ser vivido. Mas pode haver vida totalmente sem esperança, sem qualquer fé no futuro? Não é a esperança outra dimensão igualmente originária no

homem? Como adquirir esperança sem ilusões, sem renunciar à honestidade? Esta é a aporia dessa obra de Camus. Parece ser a aporia comum ao existencialismo de Sartre e Camus.

No fim do livro essa aporia manifesta-se com toda a clareza. Diante da natureza e da vida, o homem está impotente com sua inteligência. A peste desaparece como aparecera, sem mérito algum dos médicos ou de outrem. O fim chega de maneira totalmente inesperada, justamente quando todos já haviam cansado de esperar. Caem as muralhas do isolamento e a população liberta confraterniza numa grande festança. Retoma o ritmo da vida de outrora. Mas, depois que todos os auxiliares de Rieux foram vítimas da peste, esse "pensava que esta alegria estava sempre ameaçada. A multidão festiva ignorava o que se pode ler nos livros: o bacilo da peste não morre nem desaparece, fica dezenas de anos a dormir nos móveis, e nas roupas, espera com paciência, nos quartos, nos porões, nas malas, nos papéis, nos lenços e chega talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acorda os ratos e os manda morrer numa cidade feliz" (39). Essa conclusão não é nada otimista. Rieux constata que o flagelo nada ensinou aos homens. Morrem homens, mas o mal permanece.

Por outro lado, o absurdo de Rieux leva também ao limiar aberto à esperança: "Todos haviam padecido juntos, na carne, e na alma, férias difíceis - exílio sem remédio e uma sede nunca satisfeita. Entre pilhas de mortos, sirenes de ambulâncias, avisos do que se convencionara chamar destino, marchas aflitas e enormes revoltas nos corações, um grande rumor persistia em correr e alertar aqueles seres atônitos dizendo-lhes que era preciso achar a verdadeira pátria. E para todos a verdadeira pátria estava além dos muros da cidade enferma. Estava nas urzes cheirosas das colinas no mar, nas terras livres e na força do amor. Para ela, para a felicidade, queriam voltar-se novamente, desviando-se do resto" (40).

Aliás, a busca da felicidade se manifesta na simpatia dos personagens pelos mais insignificantes heróis. O amor de Tarrou para com o velho dos gatos e para com o velho dos grãos de bica. Desculpa Gottard porque buscava de forma errada a comunhão e a felicidade. Assim o doutor Rieux termina sua narrativa com os dizeres paradoxais: "As criaturas merecem mais admiração que desprezo" (41).

7 — Que vem a ser a peste?

A última palavra é essa: "Mas que vem a ser a peste? É a vida, nada mais" (42).

Quem reconheceu uma vez o absurdo, para sempre deve ficar aliado a ele, i. é, sem esperança. A única atitude conseqüente é a revolta. E em

suas obras, Camus revolta-se contra o sofrimento do justo (da criança), contra a separação dos que se amam (ele mesmo está desquitado) e contra a morte. Não existe um amanhã. A morte é a única realidade certa. Nossa vida é uma vida sem apelo. Se é verdade que na vida cotidiana menos se reconhecem os limites, a ameaça contudo se manifesta mais em situações-limite, seja na peste ou na guerra. Sempre e em toda a parte a ameaça paira sobre a vida de cada um, ainda que nem sempre a queiramos ou possamos reconhecer. A peste simboliza, em primeiro lugar, simplesmente os males da condição humana, para os quais Camus não admite soluções "a priori". Por isso, move-se muito lentamente em direção da esperança. Por outro lado, a peste evoca, simultaneamente, a ocupação de um país em tempo de guerra.

Em resumo, nessa e em outras obras, Camus quer mostrar como se pode ser feliz na vida sem sentido, i. é, apesar ou justamente por causa do absurdo. O absurdo é uma dimensão inerente à própria vida. Mas, pouco antes de sua morte, num encontro com Gabriel Marcel, Camus deixou a impressão de que estava a passo apressado a caminho da esperança. Foi neste momento (1960) colhido por um acidente de automóvel em circunstâncias quase absurdas.

Notas

- 1) Albert CAMUS, *A Peste*, trad. de Graciliano Ramos, Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1973, 2ª ed., p. 3.
Para este trabalho baseamo-nos, sobretudo, na seguinte bibliografia: MOELLER, Charles, *Albert Camus ou a honestidade desesperada*, em *Literatura do século XX e cristianismo I*, S. Paulo, Flamboynt, 1958, pp. 23-100; RIGOBELLO, Armando, *Camus*, Buenos Aires, Ed. Columba, 1961; BOLLNOW, Otto Friedrich, *Albert Camus, Die Pest*, em *Franzoesischer Existentialismus*, Stuttgart, Kohlhammer, 1965, pp. 39-52; MOUNIER, Emanuel, *Albert Camus ou o apelo dos humilhados*, em *A Esperança dos desesperados*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972, pp. 59-108; LEITE, Roberto de Paula, *Albert Camus*, S. Paulo, Ed. Edaglit, 1963.
- 2) A. Camus, *A Peste*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1973, p. 4.
- 3) *Ibidem*, p. 24.
- 4) *Ib.* p. 11.
- 5) *Ib.* p. 15.
- 6) *Ib.* p. 23.
- 7) *Ib.* p. 41.
- 8) *Ib.* p. 125.
- 9) *Ib.* pp. 66-67.
- 10) *Ib.* p. 69.
- 11) *Ib.* p. 68.
- 12) *Ib.* p. 109.
- 13) *Ib.* p. 44.
- 14) *Ib.* p. 110.
- 15) *Ib.* p. 11.
- 16) *Ib.* pp. 58-59.
- 17) *Ib.* p. 84.

- 18) lb. p. 76.
- 19) lb. p. 76.
- 20) lb. pp. 78-79.
- 21) lb. p. 128. Na 2ª carta a um amigo alemão encontramos a descrição de uma cena bem análoga. Entre os condenados encontra-se uma criança de dezesseis anos. Está dominada de medo. Bate os dentes. Os alemães puseram-lhe mesmo ao lado um capelão cuja tarefa é aliviar o momento atroz que a espera. E Camus escreve: "Parece-me que para homens que vão ser mortos um sermão sobre a vida futura de pouco serve". A criança diz: "Eu não fiz nada". O capelão responde: "Mas o problema agora é outro. Precisas de te preparar para morrer bem!" Cf. **Cartas a um amigo alemão**, Lisboa, Livros do Brasil, pp. 45-46.
- 22) A. Camus, **A Peste**, p. 132.
- 23) lb. p. 137.
- 24) lb. p. 79.
- 25) lb. p. 140.
- 26) lb. p. 99.
- 27) lb. p. 110.
- 28) lb. p. 111.
- 29) lb. p. 15.
- 30) lb. p. 149.
- 31) lb. pp. 150-151.
- 32) lb. pp. 152-153.
- 33) lb. p. 153.
- 34) lb. p. 154.
- 35) lb. p. 99.
- 36) lb. p. 99.
- 37) lb. p. 100.
- 38) lb. p. 175.
- 39) lb. p. 185.
- 40) lb. pp. 179-180.
- 41) lb. p. 185.
- 42) lb. p. 184.